



## CAPÍTULO 1

### *As mulheres de Perdido*

A Igreja Batista da Graça de Sião ficava na Velha Estrada Federal, cerca de 2,5 quilômetros além de Perdido. Sua congregação era composta de batistas conservadores, linha-dura, de modo que a igreja era uma das construções mais desconfortáveis que se pode imaginar: um único salão pintado de branco com um teto abobadado que concentrava calor no verão e frio no inverno, quando grilos barulhentos se abrigavam ali; no meio do ano, era a vez das baratas voadoras. Era uma construção antiga, erguida sobre uma base de tijolos alguns anos antes da Guerra de Secessão, então às vezes gambás e cascavéis viviam na areia escura debaixo dela.

Os membros da congregação batista de Perdido eram conhecidos por três coisas: seus bancos, que eram muito duros; seus sermões, que eram muito longos; e sua pastora, uma mulher minúscula de

cabelos pretos e risada estridente, chamada Annie Bell Driver. Às vezes, as pessoas aturavam os bancos sem encosto e os sermões de três horas só pela novidade de ouvir uma mulher se apresentar diante da igreja, em um púlpito, para falar sobre pecado, condenação e a ira de Deus. Annie Bell tinha um marido insignificante, três filhos homens insignificantes e uma menina chamada Ruthie, que seria exatamente como a mãe ao crescer.

Quando as águas dos rios começaram a subir, Annie Bell abriu as portas da igreja para acolher qualquer pessoa que precisasse abandonar seu lar. Por acaso, os primeiros a fazer isso naquela parte da cidade foram as três famílias mais ricas de Perdido: os Caskeys, os Turks e os DeBordenaves. Eram donas das três madeireiras da cidade, sendo que a indústria da madeira era a única de Perdido.

Portanto, quando as águas vermelhas e lamacentas do rio Perdido inundaram seus quintais, as três famílias buscaram as carroças e as mulas de suas fábricas, as estacionaram diante dos alpendres de suas belas casas e as encheram de baús, barris e caixas de comida, roupas e artigos de valor. O que não pôde ser levado foi carregado para os andares superiores das casas. Somente os móveis mais pesados continuaram nos andares de baixo, pois se

acreditava que essas mobílias conseguiriam sobreviver à elevação do nível da água.

Cobertas de lona, as carroças foram conduzidas pela floresta até a igreja. As famílias vieram em seguida, em seus automóveis, enquanto os criados vieram a pé. Apesar das lonas e das capotas que cobriam os carros, dos guarda-chuvas e dos jornais que os criados seguravam sobre as cabeças, e da abóbada espessa formada pelo próprio pinheiral, tudo e todos chegaram encharcados.

Os bancos foram afastados do caminho e colchões foram trazidos e dispostos no chão da igreja. As mulheres brancas ficaram com um canto, as criadas negras com o outro, as crianças com um terceiro, e o quarto canto foi reservado para o preparo da comida. Esse refúgio foi pensado apenas para mulheres e crianças; todos os homens continuaram na cidade, salvando o que podiam nas madeireiras, ajudando os comerciantes a subirem as mercadorias das prateleiras inferiores para as mais altas, removendo os doentes e convencendo os relutantes a seguirem para áreas mais elevadas.

Por fim, quando a cidade foi abandonada às águas, os homens e criados das famílias Caskey, Turk e DeBordenave dormiram na casa dos Drivers, que ficava a menos de 100 metros da igreja.

As crianças encaravam toda aquela comoção como uma aventura; os criados a encaravam como mais trabalho, e bem menos agradável do que o habitual. As esposas, mães e filhas ricas dos donos das fábricas não diziam nada sobre as dificuldades e o incômodo. Não lamentavam a perda de suas casas e de seus pertences. Sorriam para as crianças, os criados e umas para as outras, além de paparicarem a pequena Ruthie Driver. Havia cinco dias que a Igreja da Graça de Sião era seu lar.



Na manhã do domingo de Páscoa, Mary-Love Caskey e sua filha, Sister, estavam com Annie Bell Driver no canto da igreja. Eram as únicas acordadas no salão amplo. Caroline DeBordenave e Manda Turk estavam perto delas, em colchões próximos; ambas roncavam baixinho, viradas uma para a outra. As criadas estavam deitadas com suas crianças no lado oposto, remexendo-se de vez em quando, balbuciando algo em seus sonhos sobre a enchente e os mocassins-d'água, ou então erguendo a cabeça e olhando confusas ao redor antes de voltarem a dormir.

– Vá lá fora – sussurrou Mary-Love para Sister – e veja se Bray e seu irmão já estão vindo pela estrada.

Obediente, Sister se levantou. Ela era magra e ossuda, como a mãe viúva. Tinha o cabelo igual ao de todos os Caskeys: fino e forte, mas sem uma cor definida, o que o tornava bastante comum. Embora ela tivesse apenas 27 anos, todas as mulheres de Perdido, fossem brancas ou negras, ricas ou pobres, sabiam que Sister Caskey jamais se casaria ou sairia de casa.

As carroças com todos os pertences dos Caskeys, Turks e DeBordenaves tinham sido estacionadas diante da igreja e eram guardadas dia e noite por um ou dois criados com espingardas. O condutor dos DeBordenaves dormia sentado na carroça mais próxima da estrada, e Sister andou com cuidado para não o incomodar.

Ela olhou a trilha que cruzava o pinheiral, na direção de Perdido. O sol se erguia sobre os pinheiros altos e brilhou contra seus olhos, mas a luz na floresta ainda era fraca, esverdeada e carregada do orvalho da manhã. Sister levantou a cabeça, esticando o pescoço de um lado para outro. O condutor se remexeu na carroça e falou:

- É a Srta. Caskey que está aí?
- Por acaso viu Bray e meu irmão?
- Não vi, não, Srta. Caskey.
- Então volte a dormir. É manhã de Páscoa.

– O Senhor ressurgiu! – exclamou não muito alto o condutor, pousando o queixo no peito.

Sister protegeu os olhos daquele sol matinal úmido, da cor de manteiga artesanal barata. Um homem e uma mulher despontaram de um véu de neblina na floresta e pararam na trilha das carroças.



– Aonde sua menina foi? – perguntou Annie Bell Driver.

– Bem – respondeu Mary-Love, esticando o pescoço –, eu pedi que fosse ver se Oscar e Bray estavam chegando. Eles foram até a cidade para verificar o nível do estrago. Não queria que fossem, Sra. Driver. Quero Oscar longe de barcos a remo. Desde pequeno, ele sempre gostou de correr os dedos pela água, sem pensar no que fazia. Aquelas águas estão cheias de cobras e sanguessugas, garanto! Então pedi para Bray tomar conta dele, mas ele nunca presta atenção – concluiu Mary-Love com um suspiro pesaroso.

Sister apareceu à porta.

– Conseguiu vê-los, Sister? – quis saber Mary-Love.

– Só o Oscar – respondeu Sister, hesitante.

– Bray não está com ele? – perguntou a mãe.

– Não o vi.

– Vou agora mesmo falar com Oscar – disse Mary-Love ao se levantar.

– Mamãe – chamou Sister. – Tem alguém com ele.

– Quem?

– Uma mulher.

– Que mulher? – Mary-Love foi até a porta aberta da igreja e olhou para fora.

Viu o filho 30 metros adiante na estrada de terra, conversando com uma mulher mais magra e ossuda do que a própria Mary-Love.

– Quem é, mamãe? Ela tem o cabelo ruivo.

– Não sei, Sister.

Annie Bell parou atrás de Mary-Love e Sister.

– Ela é de Perdido? – perguntou a pastora.

– Não! – exclamou Mary-Love, com firmeza. – Ninguém em Perdido tem os cabelos dessa cor!



Uma trilha para carroças atravessava o pinheiral a partir do carvalho em que Bray deixara Oscar e Elinor. Em seguida, passava pela Igreja da Graça de Sião e pela casa dos Drivers, cruzando a Velha Estrada Federal, e terminava cerca de 5 quilômetros depois em um canavial administrado por uma família negra de sobrenome Sapp.



Oscar Caskey foi o primeiro cavaleiro de Perdidó; mesmo em uma cidade tão pequena, essa distinção tem seu valor. Ele foi o primeiro não só por direito de nascença, sendo o herdeiro reconhecido dos Caskeys, mas também pela aparência e pela postura natural.

Ele era alto e ossudo, como todos os Caskeys, mas seus movimentos se mostravam mais desenvolvidos e graciosos do que os da irmã e da mãe. Seus traços eram finos e expressivos, a fala calculada, elegante e jovial. Havia um brilho em seus olhos azuis, e ele parecia sempre conter um sorriso. Seu modo de falar cortês não se alterava, fosse quem fosse o interlocutor. Era tão gentil com a companheira de Bray quanto com um fabricante rico de Boston que viesse inspecionar a madeireira dos Caskeys.

Na manhã de Páscoa, enquanto Oscar e Elinor caminhavam por ali, o sol brilhava às costas deles, atravessando as copas das árvores. Vapor emanava do orvalho nas agulhas de pinheiro sob seus pés, ondulando ao redor dos dois. Grandes lençóis d'água, estáticos e fumegantes, surgiam vez ou outra nas pequenas depressões em ambos os lados da trilha, onde a água subira acima do nível do solo.

– Isso não é água do rio, são lençóis freáticos – explicou Oscar. – A senhorita poderia ficar de

quatro como um cão e bebê-la. – Ele ficou tenso de repente, com medo de que pudesse ter sido uma sugestão indelicada. Para mascarar qualquer possível constrangimento, virou-se para a Srta. Elinor e perguntou: – O que a senhorita bebeu no Osceola? Creio que não seja possível beber água de enchente sem morrer no mesmo instante.

– Não bebi nada – respondeu Elinor.

Ela pareceu não se importar que a resposta o espantasse.

– Srta. Elinor, está dizendo que passou sede por quatro dias?

– Não estou com sede – disse Elinor. – Mas estou faminta.

Ela afagou a barriga, como se quisesse aplacar roncões, embora Oscar não tivesse ouvido nada e a Srta. Elinor certamente não parecesse ter passado quatro dias de jejum.

Eles percorreram alguns metros em silêncio.

– O que trouxe a senhorita até aqui? – indagou Oscar, educadamente.

– Até Perdido? Vim trabalhar.

– E qual é sua profissão?

– Sou professora.

– Meu tio faz parte do conselho – disse Oscar, empolgado. – Talvez ele possa conseguir um em-

prego para a senhorita. Mas por que Perdido? É uma cidade tão afastada. Na verdade, um fim de mundo. Ninguém vem a Perdido a não ser para assinar um cheque e comprar madeira.

– Suponho que a enchente tenha me trazido – falou Elinor, rindo.

– Já havia passado por uma enchente como essa antes?

– Por muitas – respondeu ela. – Muitas e muitas...

Oscar suspirou. Elinor estava, de alguma forma, zombando dele. Ele imaginou que ela se encaixaria bem em Perdido se o tio lhe conseguisse um emprego na escola. Em Perdido, todas as mulheres zombavam de todos os homens.

Os caixeiros-viajantes ianques que chegavam à cidade e ficavam no Osceola conversavam com os homens que administravam as fábricas, compravam nas lojas em que os homens de Perdido trabalhavam e cortavam os cabelos – com um homem – enquanto falavam com outros homens que passavam manhãs e tardes inteiras vadiando na barbearia, mas nem imaginavam que eram as mulheres que davam as cartas na cidade.

Oscar se perguntou se também era assim em outras cidades do Alabama. Talvez fosse igual

em todos os lugares, pensou, apavorado. Mas, quando os homens se reuniam, nunca falavam sobre sua impotência. Aquela sensação não era mencionada nos jornais nem nos discursos dos senadores no Congresso. No entanto, enquanto Oscar caminhava com Elinor pelo pinheiral úmido, suspeitava que, se ela representava as mulheres de outras regiões (pois certamente vinha de algum lugar), então era provável que os homens também fossem impotentes em outras cidades, não só em Perdido.

– De onde a senhorita vem? – indagou ele.

– Do Norte.

– Então não é uma ianque! – exclamou.

O sotaque de Elinor sem dúvida não era irritante como o dos ianques, pois tinha algo sulista, com vogais que fluíam bem aos ouvidos de Oscar. Mas havia algo de estranho nele, como se ela estivesse mais habituada a outro idioma. A mente de Oscar foi invadida pela imagem repentina, ao mesmo tempo intensa e improvável, de Elinor deitada na cama do Osceola, ouvindo as vozes dos homens nos quartos e ao longo dos corredores, imitando as entonações e armazenando o vocabulário.

– Quer dizer, do norte do Alabama – falou ela.

– De que cidade? Será que conheço?

– Wade.

– Nunca ouvi falar.

– No condado de Fayette.

– A senhorita se formou onde?

– Na Faculdade de Huntingdon. E tenho um certificado que me habilita a lecionar. Está na mala que Bray foi buscar. Espero que não tenha acontecido nada com minhas malas. Todas as minhas credenciais estão em uma delas.

Ela expressava sua preocupação com certa apatia, como se não se importasse com o destino das malas, mas tivesse lembrado de repente que deveria se importar.

– Bray é um homem responsável e tem um galo bem aqui que não o deixa esquecer – falou Oscar, tocando a testa como se quisesse apontar onde o tal galo teria crescido na cabeça de Bray. – Quando era mais novo, ele tinha o hábito de não cumprir seus deveres. Um dia, em represália, eu o acertei na cabeça com uma tábua. Formou um calombo, e ele nunca mais me deixou na mão.

Enquanto falava, Oscar decidiu que seria benévolo e conveniente atribuir toda aquela atitude misteriosa da Srta. Elinor à confusão mental causada pelos quatro dias que ela havia passado em um hotel alagado.

– Mas ainda não entendo por que a senhorita veio até Perdido – insistiu.

Um véu de neblina se dissipou diante deles, permitindo que pudessem ser vistos da igreja. A irmã de Oscar estava parada nos degraus de entrada, tentando enxergá-lo.

– Porque ouvi dizer que havia algo aqui para mim – respondeu Elinor com um sorriso.



Oscar apresentou Elinor Dammert à mãe, à irmã e à pastora.

– Não faremos o culto matinal de Páscoa este ano – avisou Annie Bell. – A cidade está muito caótica. Se as pessoas conseguem dormir sabendo que suas casas e posses estão debaixo d’água, que durmam.

– A Srta. Elinor veio a Perdido em busca de um emprego na escola para o próximo outono – disse Oscar –, mas ficou presa no Osceola quando a água começou a subir. Bray e eu acabamos de encontrá-la.

– Onde estão suas roupas e seus pertences, Srta. Elinor? – indagou Sister, solidária.

– A senhorita deve ter perdido tudo – disse Mary-Love, olhando para os cabelos de Elinor. –

As águas da enchente levaram tudo embora. Estou surpresa que tenha conseguido sobreviver.

– Não me resta nada – respondeu Elinor com um sorriso que não era nem de resignação corajosa, tampouco de indiferença calculada, mas que parecia zombar do comentário.

– De onde a senhorita veio? – perguntou Annie Bell.

Um dos filhos dos criados tinha acordado no interior da igreja e espreitava, sonolento, da porta da frente.

– Eu me formei em Huntingdon – explicou Elinor. – Vim dar aula na escola daqui.

– A escola está submersa – falou Oscar, balançando a cabeça com pesar. – O corpo docente agora é um cardume de pargos.

– Eu vi duas carteiras flutuando pela Palafox Street – comentou Sister.

– A única coisa que os professores conseguiram salvar foram os livros de notas – disse Mary-Love.

– Vocês têm algo para comer? – perguntou Elinor. – Passei quatro dias sentada na beira da cama no Hotel Osceola vendo a água subir. Só comi um salmão enlatado e uma caixa de biscoitos. Estou quase desmaiando.

– Levem a Srta. Elinor para dentro! – exclamou Annie Bell.

Sister pegou a mão de Elinor e a ajudou a subir os degraus da igreja.

– Bray trouxe alguns enlatados da despensa do Sr. Henderson, pois já estava inundada – disse Sister. – Os rótulos estão ilegíveis, então só saberemos o que há dentro depois de abri-las. Às vezes comemos vagens no café da manhã e ervilhas no jantar, mas é fácil identificar as latas de salmão por causa do formato. É claro que a senhorita não precisa comer mais salmão. Bem, a não ser que queira.

– Obrigada por me resgatar, Sr. Oscar – disse Elinor, virando-se quando chegou ao último degrau.

Oscar fez menção de segui-la até dentro da igreja, mas a mãe tocou seu braço e disse:

– Você não pode entrar, Oscar. Caroline e Manda ainda estão usando roupas de dormir.

Oscar observou a Srta. Elinor entrar na igreja, então se despediu da mãe e se encaminhou de volta à estrada, em direção à casa dos Drivers. No caminho, inclinou de leve o chapéu para o condutor que dormia.





Elinor se serviu de salmão e biscoitos em um dos cantos da igreja. Sentada em um dos bancos, ela olhava para o pequeno grupo de crianças adormecidas no lado oposto. Todos os criados tinham se levantado e estavam reunidos em outro canto mais à frente, tentando se lavar e se vestir da melhor forma possível naquelas circunstâncias. Sister estava sentada ao lado de Elinor e, vez ou outra, sussurrava alguma pergunta que era respondida no mesmo tom.

Caroline DeBordenave e Manda Turk haviam se levantado a tempo de ver a estranha ser conduzida até ali por Sister. Elas se vestiram depressa e saíram a passos rápidos da igreja para questionar Mary-Love, que as esperava do outro lado de uma das carroças. No mesmo instante, as três mulheres começaram a falar sobre o cabelo ruivo terroso de Elinor Dammert e a circunstância peculiar de ela ter sido esquecida por quatro dias no Hotel Osceola.

A única conclusão a que chegaram foi que a situação não era apenas peculiar. Era obviamente misteriosa.

– Quem me dera – disse Caroline, uma mulher corpulenta, com um sorriso hesitante – que pudéssemos fazer algumas perguntas a Oscar sobre a Srta. Elinor.

– Oscar não sabe de nada – falou Manda, que era ainda mais corpulenta. Estava com sua carranca habitual, que era tudo menos hesitante.

– Por que não? – indagou Caroline. – Oscar a resgatou daquele quarto no Hotel Osceola. Foi ele quem a trouxe de barco para terra firme. Deve ter conversado com ela no caminho.

– Os homens nunca sabem quais perguntas fazer – respondeu Manda. – Perguntar ao Oscar vai ser a mesma coisa que nada. Não é verdade, Mary-Love?

– É – disse ela. – Temo que sim, mesmo que se refira ao meu filho. Sister está falando com ela agora. Deve conseguir extrair mais alguma informação.

– Lá vem o Bray – falou Manda, apontando para a trilha que se embrenhava no pinheiral.

Mais alto e quente no céu, o sol fazia subir ainda mais vapor do solo encharcado. O homem surgiu de repente da névoa, balançando uma maleta na mão direita.

– Aquela maleta é sua? – perguntou Caroline a Mary-Love.

– Não – respondeu a outra. – Deve ser dela.

– Esta é a maleta dela, Bray? – indagou Manda, erguendo a voz.

– Com certeza – falou Bray ao se aproximar, sabendo que “ela” se referia à mulher que fora resgatada do Osceola.

– O que tem dentro? – perguntou Caroline.

– Não sei, não abri – respondeu Bray. Ele se deiteu. – Ela tá dentro da igreja? – indagou.

– Está tomando café da manhã com a Sister – disse Mary-Love.

– Eram duas malas – falou Bray, parando junto às três mulheres.

– E cadê a outra? – questionou Caroline.

– Você deixou no barco? – supôs Manda.

– Não sei onde a segunda mala foi parar – respondeu Bray.

– Você a perdeu?! – exclamou Mary-Love. – Essas malas são tudo o que resta àquela mulher e você perdeu uma delas?

– Ela vai ficar furiosa com você, Bray – disse Manda. – Vai arrancar sua cabeça fora!

Bray estremeceu, pois temia que essa previsão pudesse se tornar realidade.

– Não sei onde se meteu aquele raio de mala, Sra. Turk. Quando o Sr. Oscar e eu botamos a mulher no barco, ela falou que as duas malas estavam junto da janela. Eu trouxe ela e o Sr. Oscar até aqui, e o Sr. Oscar falou: “Bray, reme de vol-

ta!” Eu obedeci e, quando cheguei na janela, só tinha uma mala! Só uma! Onde é que a outra foi parar?

Nenhuma das mulheres se aventurou a responder a Bray. Ele entregou a mala a Mary-Love.

– Quem sabe alguma coisa não esticou o braço pra fora d’água, meteu a mão pela janela, achou a mala e levou ela lá pro fundo?

– A única coisa que tem naquelas águas são galinhas mortas – falou Manda com desdém.

– O que será que tem aí dentro? – indagou Caroline, meneando a cabeça para a maleta na mão de Bray.

Mary-Love deu de ombros.

– Bray, vá até a casa da Sra. Driver e coma alguma coisa. Vou dizer à Srta. Elinor que você fez o que pôde.

– Ah, agradecido, Sra. Caskey. Não queria ter que falar com ela...

Ele afastou o corpo da árvore em que havia se recostado e retornou a passos largos pela trilha. As três mulheres baixaram os olhos para a maleta de Elinor Dammert: um objeto gasto, de couro preto, com alças largas. Em seguida, voltaram para dentro da igreja.



Ficou óbvio que Elinor não se importou com a perda de uma de suas malas. Ela não culpou Bray nem insinuou que ele poderia ter largado o objeto na água e mentido; não cogitou que outra pessoa tivesse passado de barco pelo hotel e enfiado a mão pela janela para roubá-lo; não pareceu incomodada por ter perdido metade do pouco que lhe restava no mundo.

– Meus livros estavam na mala. E meu certificado de professora. E meu diploma da Faculdade de Huntingdon. E minha certidão de nascimento. Vou ter que pedir outra via pelo correio. Isso demoraria muito? – perguntou ela a Sister, que não fazia ideia, mas achava que sim. – Eu gostaria de me lavar e trocar de roupa – completou.

– Não temos onde fazer isso – falou Sister. – Nós buscamos água do córrego.

– Ah, claro – disse a Srta. Elinor, parecendo conhecer cada centímetro cúbico dele.

– O córrego que fica atrás da igreja – esclareceu Caroline DeBordenave, como se a Srta. Elinor tivesse perguntado “Que córrego?”, já que era o que devia ter feito. – Só dá para vê-lo se souber onde procurar.

– Ele não foi afetado pela enchente? – perguntou Elinor.

– Não – respondeu a Sra. Driver. – O terreno lá atrás fica íngreme rapidamente, formando colinas. Toda a água escoia diretamente para Perdido. A água do córrego é boa, cristalina.

– Perfeito – disse Elinor –, então vou até lá me banhar.

Ela se levantou imediatamente, e Sister se prontificou a indicar o caminho, mas Elinor lhe garantiu que conseguiria encontrá-lo sem ajuda. Ela seguiu a passos ágeis por entre as crianças ainda adormecidas e saiu pela porta dos fundos, carregando a maleta preta gasta. Manda, Mary-Love e Caroline foram até Sister.

– O que ela contou? – inquiriu Manda, falando por todas.

– Nada – respondeu Sister, percebendo, com uma vergonha repentina, que havia falhado no que as três mulheres julgavam ser sua função. – Falei com ela sobre a escola e sobre Perdido. Ela quis saber sobre a enchente, as fábricas, quem era quem e coisas do gênero.

– Sim, mas o que você perguntou para *ela*? – indagou Caroline.

– Perguntei se ela achou que iria se afogar.

– Se afogar? – disse Mary-Love – Sister, você é inacreditável!

– Sim, no Osceola – falou Sister, defendendo-se. Estava sentada na beirada do banco, cercada pelas três mulheres. – Ela disse que não ficou assustada, nem um pouco... Falou que nunca se afogaria.

– E isso foi tudo que descobriu? – questionou Manda, exasperada.

– Isso foi *tudo* – disse Sister, encolhendo-se. – O que eu deveria ter descoberto? Ninguém me falou...

– Você deveria ter descoberto *tudo* – replicou sua mãe.

Caroline balançou a cabeça.

– Você não entende, Sister?

– O quê?

– Que há algo estranho.

– Não entende que há algo *errado* – disse Manda, corrigindo-a.

– Não!

– Pois devia – falou Mary-Love. – Olhe para o cabelo dela! Alguma vez já viu um cabelo daquela cor? Parece até que ela o mandou tingir em Perdido, isso sim!



Annie Bell sabia o que estava acontecendo. Ela havia visto as três mulheres mais ricas de Perdido

cercar Bray e interrogá-lo sobre a maleta preta que ele trouxera. Depois, viu quando interrogaram a pobre Sister. Enquanto ela tentava em vão justificar seu fracasso em descobrir qualquer informação relevante, alegando que não queria ser intrometida, Annie Bell saiu às escondidas pela porta dos fundos da igreja e, com algo em sua mente que não podia ser definido exatamente como “curiosidade”, seguiu com cautela pelo declive escorregadio coberto de agulhas de pinheiro, agarrando-se aos troncos das árvores resinosas para manter o equilíbrio. O vapor subia da vegetação rasteira e dos ramos verdes dos pinheiros e ondulava do próprio córrego.

O riacho era raso, estreito, límpido e rápido, muito diferente das águas escuras e profundas dos rios Blackwater e Perdido. Ele atravessava o pinheiral, descrevendo um curso que parecia mudar todos os anos. Rasgava o carpete de agulhas de pinheiro e despia o xisto que havia por debaixo delas, abrindo sulcos na pedra e trazendo à tona ilhas minúsculas de areia e seixos.

Annie Bell parou à beira do córrego, pois o curso d'água era inconstante demais para ter gerado algo parecido como uma margem, e olhou de um lado para outro, tentando determinar sua



extensão. Ele fazia uma curva floresta adentro cerca de 30 metros adiante, e outra cerca de 15 metros na direção oposta. Não havia sinal da mulher de cabelos ruivos.

Annie Bell ficou na dúvida se deveria seguir no sentido da correnteza, na direção contrária ou voltar à igreja para respeitar a privacidade da mulher. Afinal, depois de quatro dias no andar mais alto de um hotel inundado até a metade, ela dificilmente tivera a oportunidade de se lavar, exceto nas águas da enchente – o que, convenhamos, de nada adiantaria, pois só serviria para deixar a pessoa ainda mais suja, além de ser algo totalmente insalubre.

Decidiu seguir contra a correnteza e fazer a curva naquele sentido. Foi só então que notou a mala preta de Elinor pousada em um banco de areia no lado oposto do córrego. Não a havia notado antes, pois se misturava bem à vegetação espessa do outro lado do curso d'água.

A mente dela foi tomada por um pensamento repentino: após sobreviver à enchente dos rios Perdido e Blackwater, Elinor havia se afogado em um córrego sem nome e minúsculo. Mas então ela ponderou que, para se afogar, é preciso encontrar um ponto profundo suficiente para cobrir a

própria cabeça por completo, algo raro ao longo de todo aquele córrego raso. Na verdade, aquele curso d'água era tão seguro que Annie Bell jamais alertara seus filhos mais novos a não entrarem nele. Não era fundo o bastante para que se afogassem, e corria rápido demais para haver mocassins-d'água e sanguessugas.

Mas se a maleta da mulher estava ali, e não havia possibilidade de ela ter se afogado, onde estaria então Elinor Dammert?

Annie Bell deu dois passos contra a correnteza, e estava prestes a agarrar um galho de pinheiro para saltar sobre um trecho de solo encharcado, quando parou de repente. O pé dela pousou na terra e afundou até a água entrar pelos buracos dos cadarços.

Ali, submersa em uma vala estreita que parecia ter sido cavada sob medida para seu corpo, estava Elinor Dammert, nua. Ela segurava um punhado de algas nas mãos, mas estava completamente imóvel.

– Meu Senhor! – exclamou Annie Bell. – Não é que ela se afogou mesmo?!

Annie olhou melhor. Embora a água fosse límpida e funda o suficiente apenas para cobrir o corpo, ela causara uma transformação visível: sob a lente daquela correnteza veloz, a pele da Srta.

Elinor parecia curtida, esverdeada, áspera, quando antes era de uma brancura translúcida.

Além disso, enquanto a pastora observava a cena, os traços do rosto submerso da mulher pareciam se distorcer. O que antes era belo, com linhas finas e delicadas, agora era tosco, repuxado e achatado. A boca se expandira de tal forma que os lábios desapareceram. Os olhos sob as pálpebras fechadas incharam, formando duas grandes cúpulas redondas. As pálpebras em si ficaram quase transparentes, um risco preto rasgando as esferas dilatadas de uma ponta a outra, como a linha do equador no globo terrestre.

Ela não estava morta.

As pálpebras finas, esticadas sobre as cúpulas protuberantes, se abriram devagar. Dois olhos imensos – do tamanho de ovos de galinha, pensou alucinadamente a Srta. Driver – fitaram-na através da água e encontraram o olhar da pastora.

Annie Bell recuou, chocando-se contra uma árvore. O galho ao qual se segurava se partiu acima de sua cabeça.

Elinor se ergueu das águas. A transformação pela qual ela havia passado submersa se mantinha, e a Sra. Driver se viu diante de uma criatura verde-acinzentada, maciça e disforme, com um corpo

flácido e uma cabeça enorme com olhos frios e vidrados. As pupilas eram verticais, fendas finas como traços de lápis. Então, à medida que a água escorria de volta para o córrego, Elinor se revelou diante dela com um sorriso encabulado, bonita outra vez e corando de vergonha por ter sido flagrada sem roupa.

A Sra. Driver respirou fundo e disse, muito baixinho:

– Estou me sentindo meio zozna...

– Sra. Driver! – exclamou a Srta. Elinor. – A senhora está bem?

O aspecto lamacento parecia ter sido lavado dos cabelos dela. Agora eram de um ruivo escuro, intenso, que lembrava um banco de argila reluzindo sob o sol forte que surge após uma tempestade. Ninguém em Perdido jamais vira algo tão vermelho quanto aquilo.

– Estou bem – respondeu Annie Bell, a voz fraca –, mas que susto a senhorita me deu! O que estava fazendo naquela água?

– Ah! – falou Elinor com uma voz relaxada, sorridente. – Depois de uma enchente daquelas, não há forma melhor de se lavar. Isso eu garanto, Sra. Driver!

Ela se ergueu com um passo e voltou ao banco

de areia em que deixara a maleta. Se a Sra. Driver não estivesse tão tonta, não teria dúvidas de que, quando a Srta. Elinor ergueu o outro pé do galho, ele não era tão branco e esguio quanto o que já estava apoiado na areia. Tinha um aspecto diferente: rotundo, achatado, cinzento e membranoso.

*Ora, foi só o efeito da água!*, pensou Annie Bell, fechando os olhos com força.

## CONHEÇA A SAGA BLACKWATER

I. A enchente

II. O dique

III. A casa

IV. A guerra

V. A fortuna

VI. A chuva

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,  
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

